




### RELATO DE EXPERIÊNCIA / EXPERIENCE REPORT

Área temática: Interdisciplinaridade, Pesquisa e Extensão

## SOLO DOS SENTIDOS: UM RELATO DE PESQUISA-EXTENSÃO INTERDISCIPLINAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

SOLO OF THE SENSES: AN INTERDISCIPLINARY RESEARCH-EXTENSION  
REPORT ON TEACHER TRAINING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Deralita Dias Guimarães Lima<sup>1</sup> , Neurisângela Maurício dos Santos Miranda<sup>2</sup> ,  
Felizarda Viana Bebé<sup>3</sup> 

<sup>1</sup> Especialista em Educação do Campo pela Universidade Estadual de Montes Claros. Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Guanambi- BA – Creche Municipal Adília Cardoso de Moraes.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Técnica em Assuntos Educacionais – IF Baiano Campus Guanambi. Professora da Rede pública Municipal de Guanambi. \*Autora correspondente: [neurymiranda13@gmail.com](mailto:neurymiranda13@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Ciências do Solo pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora EBTT do IF Baiano – Campus Guanambi.

Recebido: 07/10/2025 - Revisado: 15/10/2025 - Aceito: 07/05/2026 - Publicado: 09/05/2026

**RESUMO:** O presente relato descreve experiências formativas com professores da Educação Infantil, a partir da pesquisa e da extensão em uma perspectiva interdisciplinar, com enfoque na atividade oficina “Solo dos Sentidos”, desenvolvida no âmbito do Projeto “A Horta na Creche: semeando uma futuridade mais orgânica e com inteligência alimentar”, em parceria com o Instituto Federal Baiano *Campus* Guanambi. Com objetivo de, a partir da ativação da memória sensorial, possibilitar que os professores ressignificassem sua conexão com a natureza, de modo que essa reconexão reverberasse nas práticas pedagógicas junto às crianças, a experiência ocorreu na Creche Municipal Adília Cardoso de Moraes, integrando uma formação interdisciplinar que reuniu saberes da Pedagogia, Agronomia e Biologia, articulada com a transversalidade agroecológica. Metodologicamente, baseou-se na otobiografia derridiana, mobilizada como dispositivo filosófico e pedagógico de escuta de si e do outro, que valoriza o corpo e os sentidos como lugares de formação. A oficina se desenvolveu em três momentos complementares: o primeiro - reflexivo, o segundo – sensorial e o terceiro - prático-pedagógico. As lembranças e palavras emergidas foram registradas no mural coletivo “Solos, texturas, cheiros e memórias”, revelando vínculos geracionais diversos com o meio natural. Os resultados apontam que a escuta otobiográfica, aliada à formação interdisciplinar e à transversalidade agroecológica, potencializa práticas educativas sensíveis, sustentáveis e humanizadoras, as quais projetam uma futuridade orgânica possível.

**Palavras-Chave:** Formação docente interdisciplinar. Reconexão com a natureza. Otobiografia.

**ABSTRACT:** This report describes formative experiences with early childhood education teachers, based on research and outreach from an interdisciplinary perspective, focusing on the workshop activity “Soil of the Senses,” developed within the scope of the project The



Vegetable Garden in the Nursery: sowing a more organic future with food intelligence, in partnership with the Instituto Federal Baiano – Guanambi Campus. Aiming to enable teachers, through the activation of sensory memory, to re-signify their connection with nature so that this reconnection would resonate in their pedagogical practices with children, the experience took place at the Adília Cardoso de Moraes Municipal Nursery, integrating an interdisciplinary training that brought together knowledge from Pedagogy, Agronomy, and Biology, articulated with agroecological transversality. Methodologically, it was based on Derridean autobiographical practice, mobilized as a philosophical and pedagogical device for listening to oneself and others, which values the body and the senses as sites of learning. The workshop unfolded in three complementary stages: the first - reflective, the second - sensory, and the third - practical-pedagogical. The memories and words that emerged were recorded on the collective mural “Soils, Textures, Smells, and Memories,” revealing diverse generational connections with the natural environment. The results indicate that autobiographical listening, combined with interdisciplinary training and agroecological transversality, enhances sensitive, sustainable, and humanizing educational practices, which envision a possible organic future.

**Keywords:** Interdisciplinary teacher training. Reconnection with nature. Otobiography.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho narra as experiências vivenciadas nos contextos de pesquisa-formação de professores em exercício no âmbito do projeto “A Horta na Creche: semeando uma futuridade mais orgânica e com inteligência alimentar”, em parceria com o Instituto Federal Baiano *Campus Guanambi*, vinculado ao projeto de pesquisa e extensão “Orgânico Inteligente” (Edital PET nº 152/2023/ Edital Fapesb Nº 02/2022). Trata-se de atividades extensionistas interdisciplinares que transformam espaços não utilizados da creche em laboratórios vivos que oferecem oportunidades únicas para investigação exploratória, experimentação, observação e práticas pedagógicas como essenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento de bebês e crianças, também dos adultos que participam.

“Solo dos Sentidos” é a atividade proposta e a caixa misteriosa é um dispositivo pedagógico de escuta que parte do corpo e dos sentidos, do toque na terra para acessar memórias. Através de gestos otobiográficos (Miranda, 2021), escutamos não só com os ouvidos, mas com o corpo todo, entretanto, lidamos com uma vida moderna que paulatinamente vem afunilando os nossos sentidos, como afirma Louv (2016), até que o foco seja principalmente visual,





adequado mais ou menos à dimensão da tela de um computador ou de uma televisão. Ao contrário do que acontece na natureza, pois ela acentua todos os sentidos (Louv, 2016).

Ao (re)conectar professores com suas memórias a partir da linguagem sensorial, a pesquisa-formação os sensibiliza para a escuta de si e a escuta das crianças na criação de memórias precoces de amor e respeito pela natureza em um movimento aprendente que vai além da sala referência. Cumpre ressaltar a sala referência é o espaço onde as crianças são recebidas, guardam seus pertences e realizam outras atividades, sendo um espaço flexível, seguro e estimulante e que concorra para a autonomia, a exploração e a interação das crianças. Nos documentos oficiais da Educação Infantil, o termo sala de referência ou sala referência, não se apresenta com essa nomenclatura, mas sim, como sala de atividades. Ocorre que, principalmente após a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil (Brasil, 2017) convencionou-se entre os profissionais da educação e estudiosos da área o uso do termo em tela.

Assim, o objetivo da atividade em destaque – “Solo dos sentidos” foi, a partir da ativação da memória sensorial, possibilitar que os professores ressignificassem sua conexão com a natureza, de modo que essa reconexão reverberasse nas práticas pedagógicas junto às crianças. Em consonância, este relato de experiência registra as possibilidades iniciais das atividades extensionistas interdisciplinares mobilizadas nos contextos formativos de professores em exercício, por meio da escuta de suas vivências e memórias.

A interdisciplinaridade traz a expertise agroecológica, biológica e agrônoma para o campo da pedagogia, articulando formação docente, participação das famílias e experiências significativas para os bebês e crianças em uma pesquisa-ação formadora incorporada às práticas de desenvolvimento integral humano.

## CONTEXTO





A oficina “Solos dos sentidos” foi realizada no primeiro encontro formativo, intencionalmente planejado para preceder o início das atividades práticas na horta da creche. Na iminência de imergir na terra para o preparo e plantio, emergiu a necessidade de um momento formativo que escutasse as vivências dos professores para, a partir delas, construir possíveis caminhos para o agir com as crianças, como investimento em um projeto educativo de futuridade orgânica, imbricado em práticas de ensino, pesquisa e extensão.

A oficina foi concebida e conduzida de forma colaborativa, caracterizando-se como uma ação de pesquisa-extensão interdisciplinar. Contou com a participação de um corpo técnico diversificado, incluindo a coordenadora pedagógica da Creche, professoras e Técnica pesquisadoras do IF Baiano (congregando expertises nas áreas de Educação/Pesquisa Narrativa/formação de professores e Agroecologia/Solos). Contou ainda com a rica colaboração de estudantes dos cursos do IF Baiano – Bacharelado em Engenharia Agrônômica e Licenciatura em Ciências Biológicas, cuja troca de saberes enriqueceu a experiência de todos os envolvidos aliando técnica agrícola e agroecológica com práticas de ensino.

A proposta foi iniciada com grupos de estudo e pesquisa no ano de 2024, sendo as práticas, particularmente a atividade objeto deste relato, desenvolvida em junho de 2025, na Creche Municipal Adília Cardoso de Moraes, instituição que integra a Rede Pública de Ensino do município de Guanambi – Bahia, onde participaram, como público-alvo, o grupo de professores da instituição e outros profissionais que compõem o ambiente educativo.

## DESENVOLVIMENTO

Conforme a Lei nº 11.738/2008 (Lei do Piso do Magistério), a jornada docente na Educação Básica deve destinar 2/3 da carga horária às atividades com alunos e 1/3 às atividades extraclasse, como planejamento, avaliação e formação continuada (atividades complementares (AC) individuais e coletivas) (Brasil, 2008). Na Creche Adília, as Atividades Complementares coletivas





ocorrem ao final do expediente, quando os professores já vivenciaram um dia inteiro de dedicação junto às crianças. Por isso, cabe à coordenação pedagógica criar condições formativas construtoras de pontes com as discussões propostas. No quintal da creche, organizamos um ambiente acolhedor permeado por elementos da natureza, onde a conversa teve início.

Preparamos um lanche que dialogasse com o propósito - chá de hortelã, café e um elemento surpresa! No início, os participantes olharam desconfiados para aquela bandeja de mudinhas de hortelã (Figura 1), em pequenos copinhos de papel cheios de uma terra preta e fofo! Cada participante, chegou mais perto, pegou, tocou, cheirou... textura visual de terra, cheiro de chocolate! As mudinhas de hortelã na verdade eram deliciosos bolinhos de cacau que sensibilizaram o paladar! Risos extasiados.

**Figura 1.** Elemento surpresa: bolinho de terra? Guanambi, 2025.



**Fonte:** Produção das autoras: Arquivos do Projeto – Guanambi, 2025

Foi nesse clima recreativo de simbolismo sensorial que, merendando “terra” e bebendo chá, convidamos os participantes para adentrar no mundo da imaginação, por meio da vivência de viagem imaginária:

Imagine uma horta que simbolize quem você é. Feche os olhos e pense em um lugar onde você possa *cultivar a vida* de forma equilibrada, respeitando a natureza e contribuindo para a diversidade do planeta. Agora, com esse cenário em mente, vamos responder a algumas perguntas. Anote a **primeira palavra que vier à sua mente**, ela é geralmente a mais sincera! (Material Didático/Arquivos do Projeto, grifo nosso, 2025).

Entregamos fichas de papel pardo e canetas para que os participantes registrassem palavras, que foram coladas no quadro-horta, transformado em





instrumento de reflexão sobre “quem somos no cultivo do futuro”. As etapas seguiram o ciclo da planta: **raízes** (inspirações), **ferramentas** (papel no cultivo), **folhas** (habilidades), **flores** (conhecimentos a compartilhar) e **frutos** (aprendizagens desejadas). Assim, o quadro-horta foi ganhando forma, simbolizando o processo coletivo de semear, cultivar e colher saberes.

As perguntas metafóricas da formação sobre a horta suscitaram interpretações diversas — literais, profissionais e pessoais —, todas acolhidas pelas formadoras, que incentivaram a escrita espontânea das primeiras palavras. Com o “quadro-horta” concluído, os termos foram compartilhados e ressignificados como compromissos com o desenvolvimento do projeto, das relações e do planejamento docente, em consonância com a BNCC e os direitos de aprendizagem das crianças.

No primeiro momento, os saberes docentes foram mobilizados pelo faz de conta em uma dinâmica metafórica; no segundo, o corpo foi convidado a escutar suas próprias memórias por meio do tato e do olfato. A metodologia emergiu das práticas dos professores, com o uso da **Caixa Misteriosa** — ou **caixa das descobertas** —, utilizada como dispositivo pedagógico ativador de memórias palimpsésticas, nas quais camadas de vida, formação e profissão se entrelaçam em narrativas que articulam passado e futuridade, configurando um a-com-tecimento<sup>1</sup> (Carvalho, 2008) narrativo-formativo otobiográfico.

De acordo com a Base Municipal Curricular de Guanambi (BMCG), a Educação Infantil deve ser lugar de constituir subjetividades, memórias, imaginação, pensamento, linguagens, percepções e simbolismo (GUANAMBI, 2020). Por isso esta experiência estimulou a percepção sensorial dos professores por meio do toque e do olfato, promovendo conexão com a terra e evocando memórias pessoais ligadas ao solo e à natureza que, quando postos

<sup>1</sup> Sempre que cunhado dessa forma – A-COM-TECER ou A-COM-TECIMENTO – retomamos o termo-conceito cunhado por Maria Inez Carvalho, a partir de discussões no Grupo de pesquisa FEP, em que no texto “O A-COM-TECER de uma formação”, define o termo a partir de sua etimologia, cujo significado resume-se em “*tecer conjunto e de forma aumentada*” (CARVALHO, 2008, p.163). “O termo aparece em duas grafias – A-con-tecer e A-com-tecer. Nasce com a grafia de acordo com a regra gramatical, N antes de T e, posteriormente, por questões semânticas, é alterado com a substituição do N por M”. (CARVALHO; MOREIRA, 2018, p. 45)





para escuta passa a constituir-se elementos formativos que guiarão o agir, o fazer dos professores. Os materiais da atividade foram cuidadosamente selecionados para compor um dispositivo pedagógico capaz de evocar memórias genuínas de conexão com a natureza — algo urgente em tempos de intensa exacerbação tecnológica nas “relações entre humanos e não humanos” (Latour, 1991).

Escolheu-se a madeira natural como matéria-prima da Caixa Misteriosa. Foram utilizadas três grandes caixas de madeira da creche, contendo amostras de solos diversos — areia, argila e solo orgânico, secos e úmidos. Lacradas nas laterais, deixavam um vão central para o toque, convidando os participantes a mergulharem suas mãos e mentes nas lembranças da infância e a reconectarem-se, de forma sensorial e afetiva, com a natureza.

Valendo-se da **otobiografia** - escuta da vida nos registros humanos – como dispositivo filosófico, metodológico e pedagógico, conforme abordam, respectivamente, Derrida, 2009; Monteiro, 2013; e Miranda, 2021, valorizamos o corpo e os sentidos pedindo que os professores colocassem a mão dentro das caixas, respirassem fundo, relaxassem e se concentrassem nos sentidos do toque e do olfato, iniciando uma exploração sensorial.

A caixa misteriosa dos solos dos sentidos trouxe memórias pessoais a partir da escuta de si mesmo, aqui mobilizada pelos sentidos corporais atuando como um dispositivo tecnológico de escuta pedagógica. Nós não trouxemos um conteúdo pronto; criamos uma condição para que os professores pudessem escutar a si mesmos e permitir que a memória surgisse a partir das sensações.

Os participantes foram tocando cada tipo de solo com as mãos; alguns cheiraram. Nós incentivamos com perguntas mobilizadoras de narrativas descritivas: **Como é a textura? É solta? É granulenta? É fofa? E o cheiro? Te lembra o quê? Uma chuva? Um lugar? Uma pessoa? Qual solo te trouxe mais conforto? Algum cheiro te trouxe uma memória de infância ou de um lugar especial? Como você acha que esse solo se comporta com a água?**





Enquanto as pedagogas provocavam as reflexões, memórias abrolhavam da caixa sensorial e, com isso, capturávamos nossos registros otobiográficos – escuta da vida nas narrativas/registros humanas (Derrida, 2009; Monteiro, 2013). Abrindo aqui um parêntese conceitual, a atividade do Solos dos Sentidos, a partir do acesso à Caixa Misteriosa, constituiu-se uma vivência otobiográfica pautada na busca por **rastros**, encharcados de vida e conexões com a natureza, no intuito de inspirar novos arranjos dessa construção relacional em práticas pedagógicas possíveis com as infâncias, providas de sentidos para os professores e providas de potência para a construção de sentidos para as crianças. A ideia é ativar arquivos de memória aparentemente apagados, e reativá-los a partir dos rastros perseguidos por pistas (visualizações, toques, cheiros, escutas, sabores...), e rearranjá-los em um ciclo retrospectivo e prospectivo.

Fazendo coro com Derrida (2017), ficam rastros que são rastros de outros rastros. E, nesses rastros, também estão outros arquivos os quais “forjam as composições de sentidos que somos eventualmente capazes de operar com os ecos veridictivos do passado” (Aquino, 2016, p.195),

Sem perder de vista, como tais veridictivos são potentes na criação de dispositivos pedagógicos promotores de outras significações contextualizadas ao espírito de cada tempo, principalmente das infâncias *emparedadas* (Tiriba, 2021), as quais, em sua maioria, tem na escola de tempo integral, a possibilidade de alguma vivência de conexão significativa com a natureza vinculada à oportunidade de pensá-la individual e coletivamente. Em outras palavras, trata-se de uma vivência de si, capaz de gerar currículos para as infâncias.

Feitas as conceituações, retornemos à descrição da atividade formativa. Durante as provocações sensoriais, a extensionista – discente da Licenciatura em Ciências Biológicas, explicava a composição dos solos e a origem do cheiro de chuva presente no ambiente por conta da terra molhada, delineando a interdisciplinaridade que articula a técnica, o conceito e prática associando os

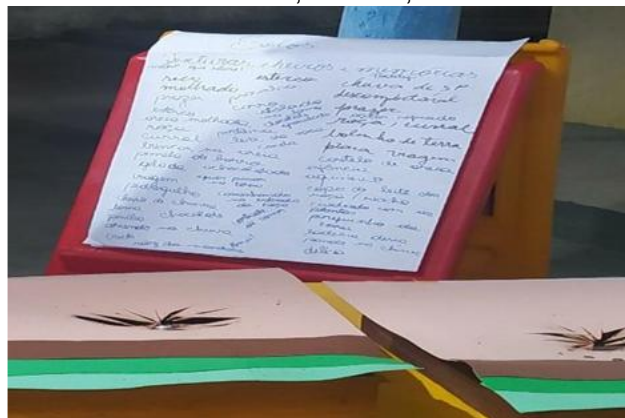




aspectos objetivos e subjetivos de uma formação pedagógica para uma ação agroecológica.

Nessa grande roda de diálogos fizemos o registro criativo com pincéis e cartolina branca, registrando e traduzindo o que escutávamos das narrativas dos professores, a partir dessa experiência sensorial, formando assim o Mural: Solos, texturas, cheiros e memórias (Figura 2).

**Figura 2.** Da caixa misteriosa ao mural: solos, texturas, cheiros e memórias – Guanambi, 2025



**Fonte:** Produção das autoras: Arquivos do Projeto – Guanambi, 2025.

O mural, portanto, nos diz como esses professores se (re)conectam com a natureza e esse dizer trouxe muitos **rastros** das infâncias. A pergunta-chave emerge-se: Como esses rastros são constitutivos da **professoralidade – formação de si professor** (Pereira, 2013). E como essa constituição pode ser traduzida em práticas pedagógicas de (re)conexão entre os bebês e crianças da creche com a natureza – objeto da proposta de formação. Entretanto, é preciso questionar: de que forma os professores estão (des)ligados ao que lhes é proposto como formação? Isso reitera a provocação de pensar que as narrativas curriculares podem produzir sentidos outros quando consideram as narrações de vida-formação, pois “as narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto” (Josso, 2007, p.413).

O mural “Solos, texturas, cheiros e memórias” revelou um emaranhado de palavras e expressões que refletem uma viagem não linear no tempo desde a primeira impressão dos sentidos até memórias e vivências de infância:





seco, molhado, pracinha, areia molhada, roça, curral, brincar na areia, panela de barro, achocolatado, viagem, pedregulho, cheiro de chuva, lama, chocolate, família, correr na chuva, raiz de mandioca, carro atolado na lama, chocolate granulado, porteira, leite de vaca, canela, querer pisar nessa terra, caminhando na estrada da roça, vontade de comer, chuva desconfortável de São Paulo, Prazer, açúcar refinado, bolinho de terra, castelo de areia, infância, aquário, copo de leite da roça, riacho, cuidado com as plantas, parquinho de terra, ladeira derrapando na chuva, delícia...(Relatos afixados no mural. Arquivos do projeto, 2025)

Um professor disse: “Eu me lembro da estrada cheia de lama quando eu ia trabalhar numa escola da zona rural.” Outra professora falou: “Eu me lembro de quando eu era pequena e ia buscar o leite no curral.” Outras trouxeram memórias de viagens à praia, de cuidado com as plantas. Também tivemos memórias vinculadas a experiências desconfortáveis com a ideia de natureza ou com elementos da natureza desvinculados dos espaços naturais: “Eu me lembro da chuva desconfortável de São Paulo” e “Eu me lembro da areia do parquinho da praça do meu bairro” (Relatos dos professores transcritos da vivência. Arquivos do projeto, 2025).

Percebemos ali como diferentes infâncias, produzem diferentes memórias. Os participantes que trouxeram memórias de vínculos afetivos positivos com a natureza, tiveram ali momentos de imersão, ou porque moravam na zona rural, ou porque visitavam parentes nesse espaço com frequência, há ainda aqueles cujas férias escolares tinham na natureza o destino certo. Outras trouxeram as memórias do parque da pracinha, da viagem às cidades que têm praia, da chuva desconfortável, revelando infâncias outras, constituídas em espaços outros.

A análise das narrativas revelou um achado significativo: as memórias evocadas pela experiência sensorial diferiam conforme a geração das professoras. As mais experientes relataram memórias de infância ligadas diretamente à natureza (roça, curral), enquanto outras trouxeram memórias de espaços mais urbanizados (parques de praça, cidades com praia). Discutimos com eles como essa diferença geracional impacta a prática pedagógica no projeto da horta e a relação dos adultos com as crianças na construção da de





um currículo para a educação ambiental. Observamos que a idade das professoras influenciava a natureza das memórias, reforçando o argumento de Richard Louv, em *A Última Criança na Natureza* (2016), sobre a crescente desconexão das novas gerações com os ambientes naturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina Solos dos Sentidos (re)conectou os participantes com suas memórias de natureza, para que, a partir delas, pudessem conectar as crianças da creche, ajudando-as a construir esse vínculo, pois “o modo mais eficaz de conectar as crianças com a natureza é também conectar-se a natureza” (Louv, 2016). É preciso amar, por exemplo, o pé de manga do quintal da creche, a nossa horta. Esse amor nasce e se ergue nas atividades cotidianas, no preparo do solo, no observar da germinação, no controle biológico, no cuidado, na colheita. Aqui o amar é passo fundamental para o responsabilizar. Cada passo da construção do amor/responsabilização pela natureza no âmbito do nosso projeto é apoiado por atores de diferentes áreas: Pedagogia, Ciências dos solos, Agronomia e Biologia, articulando os diversos saberes numa pesquisa-ação-formação que escuta o outro e se forma em um processo que se retroalimenta.

Por fim, ao conectar memórias pessoais à prática pedagógica, promovemos uma (re)conexão das professoras – considerando a tríade vida-formação-profissão – consigo mesmas, com a natureza e especialmente com as crianças, a partir das memórias dessa relação. Essa condição torna-se essencial para o fortalecimento de vínculos interpessoais com as crianças e, também, para oportunizá-las espaços e tempos de relações qualificadas na e com a natureza, convergindo, assim, para formação de uma futuridade mais justa, amorosa e responsável pelo espaço em que habita.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio G. Não mais, mas ainda: experiência, arquivo, infância. **Revista Childhood e Philosophy**. Rio de Janeiro, v.12, n.23, p.179-200, jan.-abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.12957/childphil.2016.23331>.





BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, p. 1, 17 jul. 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm). Acesso em 25 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP nº 2**, de 22 de dezembro de 2017. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2025.

CARVALHO, Maria Inez. O a-con-tecer de uma formação. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 29, p. 159-168, jan./jun. 2008.

CARVALHO, Maria Inez; MOREIRA, Ana Paula. O a-com-tecer do FEP contado em drops. In: PIMENTEL JR, Clívio; SALES, Márcea A.; JESUS, Rosane M. V. (Orgs.). **Currículo e Formação de professores: redes acadêmicas em (des)articulação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018, pp. 45-65.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Trad. de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: perspectiva, 2017 (col. Estudos).

DERRIDA, Jacques. **Otobiografías: la enseñanza de Nietzsche y la política del nombre propio**. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

GUANAMBI. Secretaria Municipal de Educação. **Base Municipal Curricular de Guanambi para Educação Infantil, Ensino Fundamental e Modalidades de Ensino** [recurso eletrônico]. Guanambi: Secretaria Municipal de Educação, Departamento de Ensino e Apoio Pedagógico, 2020. 670 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/673177944/Bmcg-Final-Sme>. Acesso em 25 set. 2025.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007 Disponível em: [http://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](http://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf). Acesso em: 03 ago. 2017.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1991.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: salvando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza**. Trad. Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Aquariana, 2016.





MIRANDA, Neurisângela M. S. Quando ousei narrar(me): intradução otobiográfica de uma professoralidade. **Tese** (Doutorado em Educação). Orientadora: Dra. Maria Inez Carvalho. Universidade do Estado da Bahia – UFBA-FACED. Salvador: 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32850>. Acesso em: 30 jul. 2025

MONTEIRO, Silas B. **Quando a Pedagogia forma professores**. Uma investigação otobiográfica. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

PEREIRA, Marcos V. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: EdUFSM, 2013.

TIRIBA, Léa. **Educação Infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

